



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Rua Ramos Ferreira, 1009 – CEP : 69.010-120
Manaus – Amazonas - Brasil
Fone : (092) 234 0584

BOLETIM DE JUNHO DE 2003

- ANIVERSARIANTES DO MÊS – Aniversariam os Acadêmicos Mário Moraes (02.06), Antonio Loureiro (06.06) e Elson Farias (11.06).

- ECOS DO CENTENÁRIO – Revestiu-se do maior brilho, no dia 24.05, a solenidade comemorativa do Centenário de Nascimento do Acadêmico Aristophano Antony, com a presença expressiva dos familiares do homenageado, de autoridades e personalidades literárias e da vida social de nossa terra. Compuseram a mesa diretora Sra. Maria Eneida Antony de Borborema, representando a família Antony; a Sra. Flávia Grosso, Superintende da Suframa; o Dr. Oldeny Sá Valente, Presidente da OAB-AM; o Dr. Ari Moutinho, Juiz de Direito. Discursaram o presidente da AAL, o Acadêmico Almir Diniz (orador designado); pela família, falaram o Sr. Jorge Grosso e o neto mais novo de Aristophano, o jovem Flávio Cordeiro Antony Filho.

- INSTITUTO HOMENAGEIA POETAS – O Instituto de Educação Denizard Rivail realizou a VII Mostra de Poesias, no dia 30.05. Durante o evento, os escritores Cecília Meirelles e Max Carpentier foram homenageados com painéis, murais declamações de suas obras. O Sermão da Selva”, de Max, foi encenado. Os Acadêmicos Elson Farias e Tenório Telles interaram a comissão julgadora que selecionou os melhores poemas dos alunos.

- ARTIGO DE CARMEN NOVOA – A Acadêmica Carmen Novoa Silva escreveu, no jornal *Amazonas em Tempo* de 24.05, artigo intitulado *Aristophano Antony*, destacando a personalidade e a obra do mestre. Para Carmen Novoa, “Aristophano tinha a premonição de que a imprensa seria o Areópago do terceiro milênio”.


- RESULTADO DAS ELEIÇÕES – A Assembléia Geral de 04.06 elegeu novos Membros Efetivos da AAL: Anísio Mello, poeta e artista plástico, para a Cadeira nº 3; Luiz Maximino de Miranda Corrêa, historiador e cineasta, para a Cadeira nº 37.

- SEMANA DO AMAZONAS - Os Acadêmicos Robério Braga, Tenório Telles e Thiago de Mello participaram ativamente da Semana do Amazonas, evento realizado na Câmara dos Deputados, em Brasília, e que envolveu debates com Comissões Parlamentares a propósito de política cultural para o nosso Estado.

- VALSA MEXICANA – O Acadêmico Jefferson Peres, em sua coluna dominical de *A Crítica*, publicou artigo intitulado *Um Centenário*, em que elogia a sessão da AAL comemorativa do centenário de nascimento de Aristophano Antony. O senador destacou o instante em que foi ouvida a valsa mexicana *Dime que Si*, na voz de Pedro Vargas, música preferida do homenageado.

- NOVO LIVRO DE ARMANDO – O Acadêmico Armando de Menezes encaminhou à editora Uirapuru os originais de seu novo livro, *O Ministério Público do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas*. O lançamento deverá acontecer na sede da AAL.

- LIVRO DE ALMIR DINIZ – O jornal literário *Linguagem Viva*, de São Paulo, publicou notícia sobre o lançamento do livro *O Mercador de Sonhos*, onde Almir Diniz “reuniu vinte contos que revelam as sutilezas do seu humanismo quando aborda temas de significado social”.


Max Carpentier Luiz da Costa
PRESIDENTE

Se não ando em erro, esta é a quarta vez que o escritor amazonense Pericles Moraes, interrompendo a calma fecunda de sua vida naquela parte longínqua do País – vida de um verdadeiro beneditino laico, todo entregue ao prazer da companhia dos livros – passa uns dias nesta cidade, e isto mesmo pela contingência de atender a imposições da saúde combalida.

O grande nome, portanto, que ele fez na literatura brasileira, nome sem o mínimo exagero nacional, visto como toda a nacionalidade lhe conhece e admira as obras, não o deve a uma transplantação definitiva para o Rio de Janeiro, processada de acordo com a suposição corrente de que só a Capital do Brasil pode conceder um ensejo de cultura e de glória.

Irredutivelmente fiel no seu amor a Manaus, onde, nesta época sinistra de falta de casas, tem por habitação toda uma biblioteca, tão grande quanto seleta, Pericles impôs-se à atenção e estima do melhor público de nossa imensa Pátria. E ali mesmo, centro naturalmente acanhado de editorialismo, isto é, ao cômodo alcance da sua própria revisão, nunca faltou quem lhe imprimisse os trabalhos de forma condigna, tornando-os atraentes ainda por esse aspecto, e facilitando-lhes a disseminação pelos outros Estados.

Que força irradiante possui o real talento, em que pese aos pessimistas! A despeito de emparedado na Amazônia, esse caboclo, incontestavelmente a maior vocação de escritor produzida pela referida região até hoje, pôde, sem, a rigor, de lá sair, levar ao conhecimento de todos os seus compatriotas a esplêndida mensagem de beleza e claridade, da qual o fizera portador um destino generoso.

Tristão de Ataíde, autor de página imperecível sobre a importância da Província, em contraposição à Metrópole, na marcha cultural dos povos, dirá, talvez, que o fato registrado acima ocorreu não apesar do caráter sereno e remansoso daquele ambiente, e sim graças a ele, pois é o mais adequado de todos os climas para o cultivo da misteriosa flor da meditação – a de mais estranho poder nos intermúndios da sensibilidade e da inteligência.

Que pode faltar, com efeito, aos veros artistas, no meio provinciano, forçosamente caracterizado por certa quietude e silêncio? Aquelas reservas inestimáveis de excitação, que fluem, sob todas as formas e para todos os efeitos, do contínuo táfalo cidadão. Por um paradoxo terrível, a noite, que devia interrompê-lo, que devia, pelo menos, atenuá-lo ao paroxismo. E não há isolamento possível, porque a nostalgia desse turbilhão gera íntimas febres ainda mais agitantes.

Mas tudo isso, mesmo na Província mais provinciana, existe, e determina seus resultados miríficos, à hora singular da inspiração, no meio que para si mesmo todo artista cria. De que não é capaz a imaginação em transe, nos seres para quem ela é fonte, ao mesmo tempo, dos maiores suplícios e das maiores alegrias? Pensemos na surdez de Beethoven e na genial clarividência de Wagner quando sustentava, com argumentos irrespondíveis, que aquela muralha erguida em torno do surdo maravilhosos, para o isolar dos sons comuns, era imprescindível a completa floração de sons infinitamente mais belos, cujo segredo a ele somente pertencia.

Figure-se algo de semelhante, a propósito do deserto relativo em que Pericles Moraes vive criando a sua obra magnífica. Certamente não escasseiam ali as únicas ressonâncias que lhe são gratas. E as outras que lhe são precisas, ele as obtém a qualquer instante, fazendo fulgir aquele espírito, fazendo vibrar aquele coração, ambos cheios de luz e de harmonia...”